

Ateísmo e fé

Fábio Fortes, trabalhador da casa, escreve o quarto capítulo de sua participação no movimento espírita belga, na cidade de Liège. Ele narra a sua conversa com um amigo ateu e a discussão filosófica sobre a existência de Deus.

Página 3



▼ Editorial

Discorre sobre o despertar da consciência estimulado pelo distanciamento social2

▼ Teias da vida

Poesia do companheiro de Leopoldina-MG é um convite à serenidade.....8

Quem são os espíritas na pandemia?

O texto reflete sobre as fragilidades, dúvidas e carências dos espíritas afastados das atividades regulares dos centros. O autor argumenta sobre o pensamento mágico que caracteriza muitas mentalidades imaturas e o desafio de mergulhar na própria intimidade.

Páginas 6 e 7



Crédito: Pixabay.

As negras são fogosas?

O artigo aborda a objetificação do corpo da mulher negra, faz a devida contextualização histórica e conecta a situação de hoje com o período do sistema escravagista no Brasil. Finalmente, a autora propõe ideias e ações antirracistas e enfatiza a necessidade de promover tal debate nos movimentos espíritas.

Páginas 4 e 5



Crédito: Maria Lídia Magliani.

Crédito: Wikipedia.

Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno Segunda-feira: 20h Quarta-feira: 19h30 Quinta-feira: 20h Sexta-feira: 14h Sábado: 19h	Quinta-feira: 20h Sábado: 19h Domingo: 9h
Biblioteca Segunda-feira: 19h30 às 21h30 Terça-feira: 19h30 às 21h30 Quarta-feira: 19h30 às 20h30 / Quinta-feira: 19h30 às 21h30 Sexta-feira: 14h30 às 16h Sábado: 18h30 às 20h30	Grupo de Higiene Mental Terça-feira: 20h
Centro de Convivência Beth Baesso (artesanato)*: Quarta-feira: 14h30	Grupo de Meditação Terça-feira: 20h
Curso de Orientação e Educação da Mediunidade – Segunda-feira: 20h	Passe Segunda-feira: 14h30 e 20h Terça-feira: 14h30 Quarta-feira: 20h Quinta-feira: 20h Sexta-feira: 15h Sábado: 19h
Espiritismo para Crianças e Mocidade	Tratamento Magnético – Sexta-feira: 15h e 19h
	Farmácia/CAEC* Segunda, quarta e sexta-feira: 14h às 17h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, hora
<i>Libertação</i> – André Luiz	Maria Aparecida	Segunda, 14h30
<i>Evolução em dois mundos</i> – André Luiz	Carla Temponi	Segunda/terça, 18h30
<i>Parábolas e ensinamentos de Jesus</i> – Cairbar Schutel	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h
<i>Voragens do Pecado</i> – Ivone do Amaral Pereira	Sônia Medina	Terça, 15h
<i>Ressurreição e Vida</i> – Léon Tolstói	José Pires	Quarta, 17h30
<i>Estudos e Apoio aos Médiuns</i>	Léia da Hora	Quarta, 18h30
<i>Obras Póstumas</i> – Allan Kardec	Manoel Xavier	Quarta, 18h45
<i>Diálogo com as sombras</i> – Hermínio C. Miranda	Thereza Cristina	Quinta, 19h
<i>O que é o Espiritismo</i> – Allan Kardec	Ricardo Baesso	Quinta, 20h
<i>Revista Espírita 1861</i> – Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h
<i>Grupo de Estudo e Meditação</i>	Bruno, Mylene e Terezinha	Segundo sábado de cada mês, 15h
<i>Grupo Sexualidade e Espiritismo</i>	Gabriel Garcia e Mylene Santiago	Quarto sábado de cada mês, 16h
<i>Novo Testamento</i> – “Cartas de Paulo”	Fábio Fortes	Sábado, 17h30



Comunicado Oficial Suspensão das Atividades

O Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora comunica a suspensão de todas as suas atividades, por tempo indeterminado, a partir de 16 de março de 2020, em função da pandemia de coronavírus. Agimos de acordo com as orientações sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, baseadas nas pesquisas científicas de infectologistas e especialistas da área. Para mais informações, acesse nosso perfil no Facebook.

Deus nos abençoe e sigamos em paz.

Diretoria do IDE-JF.

Eu e meus pensamentos

O distanciamento social, necessário para conter o ritmo da disseminação do novo coronavírus, tornou-se um grande desafio para diversas pessoas. Se antes todos lidavam com as comuns dificuldades do cotidiano agitado e cheio de tribulações, agora, além da tarefa de aprender a conviver com familiares e colegas de trabalho, tudo parou repentinamente e o maior conflito voltou-se à complicada ação de lidar consigo mesmo durante 24 horas por dia.

Mas o contraste causado pela parada brusca traz reflexões sobre algo que já era para ocorrer sem esta pressão. Qual o sentido da vida? O questionamento vem sem perdoar àqueles que tendem a fugir em diversas distrações e entretenimento, que estacionam a consciência mais profunda e analítica. Será que o caminho que percorro é o ideal? Quais são as minhas vontades e ideias mais profundas? Amo as pessoas de forma honesta?

A sociedade, mergulhada no consumismo para satisfação de prazeres fugidios, cria falsas demandas para impedir tais reflexões, aprisiona o ser na mentalidade individualista e egoísta. Quando a Covid-19 acentuou a necessidade do distanciamento, cortou o consumo supérfluo e mostrou o que, de fato, é essencial, a população entrou em um ‘pane’ coletivo. Nunca se viu uma requisição tão grande por profissionais da saúde mental, outrora já bastante procurados.

Será que esse atual conflito interno das pessoas não poderia servir como um despertar para todas essas reflexões adormecidas? Antes a ansiedade vinha pelo excesso de atividades, agora, pela falta delas. O silêncio pode ser ensurdecador, mas extremamente necessário para a transformação do ser e para estimular o autoconhecimento. Além disso, a obrigatoriedade de ficar só desperta para a importância do contato social e da proximidade dos corações queridos.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Angeliza Lopes Aquino e Gabriel Lopes Garcia
Departamento Doutrinário: Myrianceli Jorio e Geraldo Marques
Departamento Editorial: Allan Gouvêa e Angela Araújo Oliveira
Departamento de Evangelização: Claudia Nunes e Janezete Marques
Departamento Mediúnico: Léia da Hora e Sérgio Chaves Costa
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Alessandra Siano e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Angeliza Aquino e Gabriel Garcia
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32) 3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Diário de um espírita na Bélgica – Parte IV

Continuação da edição anterior.

O sol começa a sair, com os primeiros ventos (ainda frios) da primavera. Ao menos os dias estão claros e o céu azul. No entanto, as ruas estão vazias, o espectro da crise sanitária do coronavírus assombra os países da Europa. Por aqui, medidas responsáveis de confinamento social e trabalho remoto foram implementadas já há mais de um mês. Como me é permitido, saio para fazer uma pequena caminhada, sentindo o sol no meu rosto, quando vejo todas as portas cerradas, até mesmo as das igrejas. Nenhum culto religioso presencial é permitido desde então. Felizmente, resta a mim a possibilidade de conversar com meus dois únicos amigos belgas. Uma vez que as atividades da Casa Espírita foram também, por sua vez, interrompidas, é no refúgio da amizade que encontro acolhimento e oportunidade de reflexão. Christian e Brigitte, dois simpáticos septuagenários, são as únicas pessoas com quem tenho contato direto nesses momentos difíceis. Ambos belgas, ambos ateus, ambos amantes da filosofia. Neste texto e no próximo, falarei sobre o que aprendi com meu amigo Christian e sua descrença em Deus.

Deus é um problema filosófico

De cabelos brancos, olhos azuis e fala tranquila, conheci Christian no curso de “Religião e Moral no Mundo Antigo”. Um dia Christian me perguntou se eu acreditava em Deus. Resposta automática, declino sem pestanejar: “sim, eu creio”. Refaço-lhe a pergunta, e ele, tranquilamente, afirma “não”. Uma semana depois, Christian me oferece, como presente, o livro do filósofo francês André Comte-Sponville (1952-), cujo título, em português, é: *O espírito do ateísmo. Introdução a uma espiritualidade sem Deus*, convidando-me a ler e compreender os argumentos daqueles que

não creem. Eis-me diante de um desafio e da oportunidade de, tal como Kardec nos convida com seu exemplo, exercitar nosso espírito, ao mesmo tempo, crítico e aberto ao outro. Ao longo dos dias em que mergulho nas páginas dessa obra, aprendo, para começar, que ninguém pode afirmar, racionalmente, que *Deus não existe*; tampouco ninguém pode afirmar que *Deus existe*. A crença ou a descrença em Deus é produto de uma convicção interna, que pode, evidentemente, ser baseada em princípios que fazem apelo à razão, mas se trata de convicções. Não é sem razão, aliás, que o tema é ainda digno de debates filosóficos e teológicos; houvesse prova de um lado ou de outro da disputa, crer ou não crer em Deus seria tão simples como admitir ou não que a fórmula da água é H₂O ou que a Terra, ela mesmo tendo um formato que se aproxima de uma esfera, descreve, por sua vez, um movimento em torno do sol. Ao passo que estes são fatos científicos, a existência de Deus não. Deus é um problema filosófico.

Razões para não crer, razões para crer

O segundo ponto que aprendo é que o mal que os religiosos realizaram no mundo (para citar dois exemplos, certamente não os únicos ou os últimos: a instituição da Inquisição, em nome do Deus Cristão ou o Terrorismo em nome de Maomé) não são razões que fundamentam a negação da existência de Deus. Por óbvio: podemos todos dizer que a essência do Cristianismo, do mesmo modo que a essência do Islamismo, não é base para violência de qualquer sorte, de modo que uma coisa é a crença em Deus – esta genuína para os que creem – e outra coisa é o fanatismo de alguns que conspurcam seu sagrado nome. A violência, a intolerância e o mal não provêm do Deus

em que se acredita (ou não), mas do fanatismo religioso (ou não religioso). Os que não creem em Deus sustentam sua perspectiva em outras razões: a inexistência de provas, a pobreza da experiência pessoal com Deus, a contradição entre um Deus Bom e poderoso e um mundo injusto e perverso. São argumentos bastante razoáveis. Nós, espíritas, aprendemos com Kardec, nas questões 4 a 9 de *O Livro dos Espíritos*, que a nossa convicção em Deus se assenta, sobretudo, nas seguintes “provas”: 1. sendo o universo um complexo que tem inteligência, é preciso que possua, por sua vez, uma causa primária inteligente; 2. o sentimento intuitivo dos seres humanos de um Criador se apoia na verdade desse princípio. Ora, são argumentos igualmente razoáveis. Entretanto, não são propriamente “provas”, mas razões ou argumentos para uma posição filosófica. Se acreditamos na premissa da causalidade (os eventos do mundo não são fortuitos, mas se encadeiam em causas, que engendram consequências), podemos admitir o primeiro argumento. Se, por sua vez, admitirmos que haja elementos em comum entre todos os seres humanos e que, como atestam algumas evidências que podemos encontrar na história, a crença em Deus é um deles, poderemos igualmente admitir, filosoficamente, a verdade do segundo argumento. Meu amigo Christian, por sua vez, não admitiria nenhuma dessas premissas: para ele, o mundo não é produto de uma causalidade, mas de um acaso probabilístico; tampouco acredita em qualquer elemento universal que nos unifique enquanto *homo sapiens sapiens*. Mas e quanto aos dois outros argumentos contra a existência de Deus: a pobreza da experiência “divina” e a contradição entre a existência de um Deus Bom e um mundo mau? Como nós, espíritas, nos posicionaríamos diante desses dilemas?

Continua na próxima edição.

QUÍMICA
Consultoria e Monitoramento

Dário
Técnico Químico
CRQ-024001598

Rua Américo Lobo, 746/202
Bairro Manoel Honório
CEP 36045-050 - Juiz de Fora - MG

(32) 3211-5765
(32) 9946-5424

Livraria IDE-JF

Segunda, Quarta, Quinta
19h30 às 21h30

Sexta 14h30 às 16h

Sábado 18h30 às 20h30

Confira obras de nossa
editora e de autores da casa

(32) 3234-2500

Lucilia Brigato
cirurgia plástica, estética e reparadora

Consultório:
Av. Rio Branco, 2817/1701 - Centro
32 - 3217-8191 | 32 - 9 8871-8191
CEP 36010-012 - Juiz de Fora - MG
2ª - 14h às 18h30 | 5ª - 14h às 16h30

Psicologia Clínica
Gestalt Terapia

Danielle Machado Guimarães
CRP 04/42884
(32) 99126-0425

Lilian Barcaro Machado
CRP 04/49907
(32) 99180-7077

Ψ

Atendimento ao
público infantil,
adolescente e adulto

A hipersexualização da mulher negra

Graça Paulino

Globeleza, mulata, a cor do pecado: você já parou para pensar que esses estereótipos te remetem a corpos negros?

As influências socioculturais fortemente alicerçadas em um passado recente, o período escravista, resultaram em uma sociedade preconceituosa e discriminatória, que leva a mulher negra a sofrer os efeitos do machismo e da objetificação de uma forma bem específica.

Para entendermos a dinâmica que envolve essa temática, precisaremos remontar o processo pelo qual a sociedade brasileira foi construída.

Contextualização histórica

O Brasil viveu 358 anos de regime escravista e recebeu sozinho quase cinco milhões de africanos cativos. O objetivo inicial do comércio de gente era fornecer mão de obra para a indústria do açúcar no Nordeste, a primeira importante atividade econômica colonial; mas rapidamente esse processo se propagou por todos os seguimentos da sociedade e da economia. O regime foi avalizado pela Igreja Católica que, juntamente com o Estado, formou a ideologia escravocrata, dando legitimidade ao sistema.

Esse regime foi consolidado e aceito pela sociedade através da sub-humanização dos cativos africanos. O mecanismo ideológico de suporte à escravidão foi realizado através da difusão de ideias sobre a falta de atributos físicos e intelectuais, tais como: os negros serem menos inteligentes do que os brancos, primitivos, seres exóticos, selvagens, pagãos

a serem salvos da barbárie pela catequese cristã dos padres; portanto, muito inferiores e diferentes do biotipo dos observadores, todos eles invariavelmente brancos e de ascendência europeia.

Dessa forma, o negro foi animalizado e a classificação dada aos escravos oscilava entre coisa e mercadoria; eram moeda de troca, vendidos em leilões ou trocados por algum outro bem.

Objetificado, o corpo negro era então um prestador de serviços, qualquer tipo de serviço. Predominantemente no trabalho braçal, alocavam-se os escravos trabalhando pesado nas atividades agrícolas dos engenhos, no plantio e cultivo de cana-de-açúcar; na casa grande, em trabalhos domésticos; e negros que prestavam serviços sexuais, seja na reprodução, “fábrica” de outros escravos, ou para satisfação sexual dos senhores, mais especificamente os homens, pois entram, nessa questão, dois componentes: machismo e patriarcado.

A mulher negra na escravidão

Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista (Ângela Davis)

As mulheres escravizadas que chegaram ao Brasil tiveram sua força de trabalho explorada, sua cultura expropriada e sua sexualidade abusada. As escravas trabalhavam em lavouras e exerciam também os trabalhos domésticos na casa grande,

ambiente onde se encontravam seus donos, no qual frequentemente a mulher negra era vítima reiteradamente de estupros, sendo violentada sexualmente.

Além das demais violências decorrentes do regime escravista, essa prática era normalizada e muitas mulheres negras eram engravidadas para produzir leite, a fim de amamentar os filhos de suas donas brancas. Os filhos das negras serviam de mão de obra e poderiam ser vendidos, representando aumento de patrimônio. Portanto, a violência sexual não era apenas uma questão de sadismo, era uma prática inserida na ordem econômica da época.

Durante a escravidão, o corpo da mulher negra era considerado disponível e poderia ser usado por quem quisesse. É importante fazermos esse retrospecto, porque, durante centenas de anos, nossa sociedade construiu um estereótipo da mulher negra e o normalizou. Diante de todos os destratos sociais pelos quais essas mulheres passaram, ainda hoje percebemos a desintegração de sua identidade por meio da preconceição da sua inferioridade.

O corpo da mulher negra hoje

No mercado de trabalho, ocupando as maiores taxas de desemprego, é ínfima a probabilidade de uma afrodescendente galgar, em sua carreira profissional, cargo de direção e chefia (Dieese, 2005).

A sociedade brasileira segue perpetuando o estereótipo da mulher negra construído durante a escravidão, que lhe impõe o pre-

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)



(32)3232-5672
(32)3061-7878
(32)8831-2477



conceito e a discriminação, colocando-a na base da pirâmide social. Seu tipo físico não é padrão de beleza, não é o desejável; o imaginário social coloca-a como produto de consumo, como fonte de sexo fácil.

A mulher negra passa um misto de invisibilidade e indesejabilidade, confrontado com o estereótipo da “boa de cama”, “foga”, de “sabor apimentado”.

Temos então a dicotomia do corpo “gostoso, exótico e diferente”, que ao mesmo tempo é proibido, impensável e pecaminoso, que não serve para o casamento ou para uma relação monogâmica.

Essa é a mentalidade de uma sociedade construída nos moldes escravocratas, por mais de trezentos anos, e que supomos levará muito tempo para se modificar, abandonando essas formas injustas e aviltantes de tratamento.

Resistir até que possamos existir

Mulheres negras são sujeitos, seres ativos que historicamente vêm fazendo resistência e (re)existência. Luta-se contra um padrão de beleza eurocêntrico, que peneira o que é belo ou não. Assumir o cabelo crespo, enaltecer seu biotipo físico, estar dentro das universidades, para que possam, elas mesmas, contar a sua história, são formas de resistência e de luta contra um histórico cruel, erroneamente construído através dos olhos dos outros.

Por que falar sobre preconceito e discriminação no movimento espírita, abordando a hipersexualização da mulher negra?

Preconceito e racismo são problemá-

ticas enraizadas na sociedade brasileira, e o movimento espírita não está fora dessa sociedade. Trazer essa discussão para dentro das atividades doutrinárias é assumir o compromisso, juntamente com os demais setores sociais engajados na construção de coletividades mais justas e fraternais, de reformular a estrutura da nossa sociedade.

De acordo com a questão 803 de *O Livro dos Espíritos*, todos os seres humanos são iguais perante Deus, e todos tendem para o mesmo fim. Deus a nenhum homem concedeu a superioridade natural, somos dotados de livre-arbítrio, e é isso que nos diferencia na trajetória evolutiva. Assim, cada um de nós tem um papel útil a desempenhar. É dever legal, moral e cristão assumir a postura antirracista, buscando a transformação da nossa realidade, trabalhando pela promoção humana. É nossa responsabilidade desconstruir estereótipos, que segregam, tornando nossa sociedade desigual, perversa e excludente.

Esse tema pode e deve ser abordado nos centros espíritas, por intermédio dos grupos de estudos, estimulando debates em seminários, palestras, e dando lugar de fala a quem tenha vivência das questões inerentes ao racismo. A desigualdade das condições sociais é obra do homem, não de Deus, e desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar (questão 806 de *O Livro dos Espíritos*). Levantar a questão do racismo e do preconceito nos estimula à reforma íntima, uma vez que buscamos nos libertar dos preconceitos, quaisquer que sejam eles.

O pensamento espírita contribui para o combate à objetificação da mulher negra, e para a luta contra quaisquer outras formas de opressão, discriminação dirigida a qualquer ser humano, porque nos traz a certeza do crescimento espiritual ao longo das reencarnações.

Somos Espíritos imortais e acumulamos experiências que nos aprimoram intelectual e moralmente, pois esse é o objetivo para o qual todos fomos criados. Então, gradativamente, aprendemos que somos irmãos, e que o amor aos nossos semelhantes é o caminho para promover o crescimento da nossa sociedade.

Sabemos que o amor e a caridade são complementos da lei de justiça; sabemos que devemos fazer ao próximo todo o bem que nos seja possível e que desejamos que nos fosse feito. Sendo assim, nós, como cidadãos e o centro espírita, como organização, somos chamados à responsabilidade.

Apresentemo-nos cada um de nós diante de sua consciência e façamos do nosso mundo um lugar melhor para todos.

A você, leitor, convido a essa reflexão:

Não basta acabar com a escravidão, é necessário destruir sua obra. (Joaquim Nabuco)

É nossa responsabilidade como Espíritos imortais, em busca de aprimoramento, aprender, dividir e trabalhar a busca por uma sociedade melhor e mais justa.

Bibliografia consultada:

Escravidão. Laurentino Gomes. Globo Livros.
Racismo estrutural. Silvio de Almeida. Pólen Livros.

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)



SHEILA SOARES PIRES
Psicóloga CRPMG 22989

PSICOLOGA CLÍNICA | NEUROPSICOLOGIA
Adolescente, Adulto e Idoso

32 9 9928-2707
sheila.pires33@gmail.com

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

Que diferença faz ser espírita?

Ely Matos

Não sei se você sente o mesmo: se o distanciamento social terminasse hoje, e amanhã as atividades voltassem à rotina, eu me sentiria um tanto envergonhado – ser espírita não teria feito diferença nenhuma neste período.

Vou dizer de outra maneira: muitos de nós continuamos tão espíritas quanto antes. Reorganizamos parte de nossas atividades no mundo virtual, continuamos com nossas preces – e pedidos de prece, fazemos a caridade possível, lemos um pouco mais ou assistimos mais palestras no YouTube, e acompanhamos as notícias do mundo, pensando sobre elas o que sempre pensamos. Claro que estou falando dos que estão tendo essa oportunidade, pois muitos outros continuam na lide cotidiana.

De certa forma, isto é até bom, se considerarmos que muitos espíritas estão infectados pela segunda pandemia, que é a do medo.

A reflexão é: poderia ser diferente? Os estudos espíritas são insistentes em afirmar que nunca é a doença que promove a evolução do indivíduo, mas sim a sua postura diante da doença. Quem enfrenta a enfermidade com otimismo e esperança, ainda que venha a óbito, chega ao plano espiritual em melhores condições. Já os pessimistas, revoltados ou desesperados agravam o próprio estado, estando encarnados ou desencarnados.

Já é um clichê dizer que a pandemia mostrou que a sociedade está doente. Se aplicarmos o mesmo pensamento que aplicamos a um indivíduo, o que observamos? Como a “sociedade” está reagindo à enfermidade? Sem surpresas, vemos que

as reações são as mesmas que uma pessoa tem: os egoístas estão pensando somente em si mesmos e nas suas necessidades; os ignorantes estão tentando se enganar e enganar os outros; os fanáticos estão esperando um milagre divino; os indiferentes estão só observando para ver o que vai acontecer; e os revoltados estão brigando com Deus.

Existem também, embora raros, os que estão tentando extrair algo de positivo disso tudo. Tentam manter uma visão otimista (embora, às vezes, ingênua), aproveitam o tempo para reflexões pessoais, buscam melhorar as relações com os familiares na “prisão” domiciliar. Ou escrevem textos na internet.

A expectativa geral, no entanto, é que tudo volte ao normal. Estamos ignorando deliberadamente que a recessão, a crise econômica, a perspectiva de pobreza mais generalizada, a falta de leitos e de infraestrutura hospitalar, o agravamento das desigualdades sociais são consequências não da pandemia em si, mas da situação “normal” em que estávamos vivendo. E para a qual desejamos voltar.

Que diferença faz, então, ser espírita nesse momento?

Entre os vários cenários possíveis, é viável vislumbrar pelos menos quatro situações: (i) o isolamento social precisará ser mantido mais tempo; (ii) o vírus vai circular e muitas pessoas vão morrer; (iii) uma medicação eficaz será desenvolvida rapidamente e (iv) uma mutação gênica tornará o vírus mais brando. Sob o risco de sermos considerados alarmistas ou apocalípticos, analisemos:

Os cenários (iii) e (iv) indicam um retorno relativamente breve à “normalidade”. No entanto, sabemos que, como ocorre com alguns pacientes recuperados, é possível que a sociedade também tenha sequelas. A estrutura econômica já está de certa forma comprometida. Para além da questão puramente material, os casos de depressão, ansiedade, desespero, agressividade e suicídio tendem a crescer. Todos que lidam com a saúde mental – profissionalmente ou não – são chamados a campo, inclusive os espíritas. Como estamos nos preparando para isso? Estamos mantendo nossa própria sanidade? Estamos nos apoiando em uma esperança sóbria e sem fantasias? Que mensagem teremos a oferecer a esta multidão, esfaimada não só de pão, mas de alento? Estamos nós mesmos vivendo a mensagem que pretendemos oferecer ao outro?

O cenário (i), do isolamento prolongado, também não é feliz. O número de pessoas nas ruas, mostra a dificuldade em “estar em casa”. Filhos rebeldes, maridos violentos, esposas exigentes, idosos ranzinzas, todos se suportavam porque encontravam-se muito ligeiramente durante o dia. O que décadas de estudos sobre a estrutura espiritual da família pode ajudar nesse momento? Como identificar o centro de equilíbrio do lar?

Finalmente o cenário (ii), o mais temido, envolve um número elevado de desencarnações. Se é certo que, como Espíritos, devemos ter passado por situações semelhantes no passado, quando as guerras eram a regra, a maioria de nós não imaginava enfrentar essa possibilidade no

**Espaço reservado para
a sua publicidade**

**Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF**

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

**ESCRITÓRIO
DE ADVOCACIA**

Anir Batista Barreto
Advogado OAB MG 128198

Av. Barão do Rio Branco, 1863/706
Centro - Juiz de Fora/MG
Ed. Top Center
(32)32157686 | 91042699
e-mail:anirbarreto@ig.com.br



**GRUPO
REZATO**

início do século XXI. Quando as primeiras notícias chegaram da China e da Europa, a maioria acreditou que não ia chegar ao Brasil. Quando chegou, acreditaram que não ia chegar ao seu estado. Quando chegou, pensou que não chegaria a sua cidade ou ao seu bairro. E muita gente continua pensando que não vai chegar a sua casa. Dentre as conhecidas cinco fases do câncer ou do luto (negação, raiva, negociação, depressão, aceitação), a maioria ainda está na negação. Mesmo os espíritos. Queramos ou não, é hora de falar de morte, de perda, de luto, de dor. Mas ao mesmo tempo, falar de imortalidade, de reencontro, de libertação, de crescimento. Estamos neste exercício? Ou, como vários religiosos superficiais, nossa mensagem é só de “vai passar”, “os Espíritos estão velando”, “esperança, meu irmão!”? Claro que o otimismo é fundamental, mas ele deve estar fundamentado na certeza da vida espiritual e não na continuidade, pura e simples, da vida física. Qual tem sido nossa fala?

Que dureza, não? Quem imaginava que a renovação do ambiente planetário se daria através de mensagens lindas e floridas, de comboios espirituais levando os “maus” para bem longe e de hordas de Espíritos superiores assumindo posições de comando nos governos do mundo, deve estar bem espantado.

Não que a pandemia seja, *per se*, um mecanismo de transição. Na extensa análise que Kardec faz sobre os novos tempos (1), fica claro que esta transição não se dará por sinais exteriores (como, aliás, Jesus já havia advertido em Lucas, 17:20). Kardec vislumbra um processo essencialmente espiritual, gradativo, quase que imperceptível do ponto de vista material, e analisa o papel do Es-

piritismo nesse processo. O Espiritismo não criará a renovação social, mas pode participar ativamente dela. Como? Naturalmente pela ação dos espíritas, em especial no campo das ideias, pois “é da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados”. Esse é o papel da “nova geração”, apresentada no mesmo capítulo. Mas nós, espíritas, queremos acreditar que essa “nova geração” de “Espíritos superiores” ainda vai chegar. Esquecemos que o texto foi escrito há 150 anos, e que a nova geração somos nós mesmos. Nossa orgulhosa humildade (“afinal eu não sou um Espírito superior”) não nos permite ver que o trabalho é de caráter coletivo, e que a nova geração é formada por Espíritos de diversos níveis de evolução, mas tendo em comum o sentimento do bem.

Além de nossas preces e vibrações, precisamos de um trabalho intenso de divulgação da proposta espírita, sem o viés religioso sectarista, sem a recitação de fórmulas filosóficas complexas, sem um aspecto científico inacessível à maioria. Precisamos nos dirigir – como fazem as equipes socorristas nas regiões inferiores, segundo as descrições de André Luiz – àqueles que querem respostas, que querem ajuda, que querem amparo, que querem esclarecimentos. Precisamos parar de perder tempo com os egoístas, os fanáticos, os ignorantes por vontade própria, os que estão satisfeitos com a própria pobreza espiritual. É um movimento difícil, mas a hora é difícil.

Precisamos falar da saúde física, mas explicar que a morte é também um processo natural de libertação do Espírito. Precisamos aguardar a medicação ser desenvolvida, mas enquanto isso expli-

car que, para muitos Espíritos, a dor é o remédio. Precisamos consolar no luto, mas explicar que os amados continuam vivos, percebendo nosso desespero ou nossa resignação. Precisamos oferecer pão quando tivermos recurso, mas parar para escutar quem está com medo ou em confusão.

Precisamos parar com a ilusão de que o mundo após a pandemia será “um mundo melhor”, se tudo voltar ao normal. De novo, não é a doença que beneficia o doente, é a sua postura ante a doença. Estruturas carcomidas já caíram várias vezes na história das civilizações, e nós as reerguemos novamente, para as destruir de novo, com nosso orgulho e egoísmo.

Precisamos que o movimento espírita organizado, através de federativas e associações, se manifeste intensamente, em todos os meios possíveis. Mas não só eles; eu e você, também, dentro das nossas possibilidades – nas redes sociais, nos grupos de WhatsApp, nas conversas familiares.

Recordemos o questionamento de Jesus no sermão do monte, comentado de forma brilhante por Emmanuel (2): “Que fazeis de especial?”. Se somos célula, obviamente não podemos almejar que sozinhos vamos resolver a situação do organismo todo. Mas, como nos lembra a benfeitora Joanna de Ângelis (3), podemos, sim, contribuir para a construção de um mundo (verdadeiramente) melhor.

- (1) *A Gênese* – Allan Kardec – capítulo XVIII.
 (2) *Vinha de Luz* – Emmanuel/Chico Xavier – capítulo 60.
 (3) *Vida Feliz* – Joanna de Ângelis/Divaldo Franco – mensagem 116.

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
 R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
 R\$160,00 (trimestre)

Lais Marques

COACH DE DESENVOLVIMENTO
 PESSOAL E PROFISSIONAL
 (32) 9 8885-0014 @ laismarx_coach

*Se você deseja ter resultados efetivos
 em curto intervalo de tempo,
 eu posso te ajudar!*

Coach é ideal para você que quer:

- ▼ Potencializar suas habilidades e competências
- ▼ Conquistar novas oportunidades de trabalho
- ▼ Ter mais foco
- ▼ Alcançar metas e objetivos

CEO DO PROJETO
 EYLIBRO
 Editora | Consultoria | Workshop

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
 R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
 R\$160,00 (trimestre)

Refletir

Marcony Meneguelli Alhadas

Ante o descortinar
De novas possibilidades
Renova as estruturas mentais
Que te blindam
E reconstrói a fé
Que te sustenta

As experiências levadas
Pelo vento
Representam fecundo repositório
Para análise do ser

Embora não expressem
Um paradigma definitivo
Para os novos ares
Que soprarão
Em teu caminho

Mesmo assolado pela dor
E de braços dados
Com os espinhos
Do destino

Detém-te, por um
Instante apenas
Respira...
E medita na vida

Considerando a imensidão
Do universo
Em que te encontras mergulhado
E o infinito desenrolar
Das teias da vida
Da teia das vidas

Oferece a si mesmo
As necessárias lágrimas
De alívio da alma
E o oportuno perdão
Aos deslizes
Da ignorância



Imagem: Pixabay.

Concede ao teu coração
A serenidade do exercício
De paciência
E a justa paz
Do equilíbrio
Em meio aos desvarios humanos
Reflete...
E deixa que sejam
Refletidos em ti
Os raios luminosos
Da esperança
E do bom ânimo
Da educação para o bem
E da bondade que educa
Da instrução que acolhe
E da fé que movimenta
Do trabalho que edifica
E das associações mentais
Que nos compelem à luz

Nem todos os meandros
Do caminho
Representa o estacionar
Do fluxo
Alguns se configuram
Como os pontos de
Acesso à margem
A fim de que te renoves
E prossigas na marcha
Inexorável do progresso